

A ALQUIMIA DE ALUÍZIO ALVES: ANÚNCIO DE CADASTRAMENTO NA FUNDAÇÃO DE HABITAÇÃO POPULAR E A CONSTRUÇÃO DE ELEMENTOS PARA SUA DECODIFICAÇÃO NA NATAL DE 1964

Felipe Tavares de Araújo*

Introdução



Esta imagem (A ORDEM, 1964, p.3) marcou o lançamento no jornal A ORDEM da campanha de cadastramento para obtenção de casas próprias. Ela aconteceu em 1964. Essas

*Graduado em História pela UFRN. Mestrando em História pela mesma instituição. Endereço eletrônico: felipetavaris@yahoo.com.br.

casas faziam parte do Plano de Habitação Popular formulado pelo governo do estado do Rio Grande do Norte (PIRES, 2004, p.21) e adotava várias formas de ação: desde o financiamento da casa própria até projetos de autoconstrução em bairros como as Rocas. Nesse último caso, havia a concessão de empréstimos entre 200 mil e 500 mil cruzeiros (TRIBUNA DO NORTE, 1964,p.12) para a compra de material de construção. O governo formularia, através da equipe técnica da FUNDHAP – Fundação de Habitação Popular, o projeto de reconstrução e a fiscalização das obras, enquanto a execução das reformas ficaria por conta da própria comunidade, através do regime de autoconstrução (TRIBUNA DO NORTE, 1964,p.12). Os recursos para tal empreendimento, entretanto, vinham do próprio governo do estado e não do exterior. A imagem apresentada, por outro lado, diz respeito ao primeiro caso, que é o financiamento.

Assim, estamos falando de um conjunto habitacional chamado Cidade da Esperança, criado pelo governo do estado em convênio com a Aliança para o Progresso (Estados Unidos) e a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, a SUDENE. Essa última havia assumido, após problemas com o então governador Aluísio Alves, o repasse do dinheiro da Aliança para o Progresso para o governo do estado do Rio Grande do Norte, que viabilizaria a construção em grande medida. A SUDENE por si mesma não ofereceu qualquer recurso financeiro (PIRES, 2004). O Rio Grande do Norte não formulou projeto, plano ou programa para a reunião da Aliança ocorrida em Punta Del Leste em 1961 (PEREIRA, 1996 *apud* PIRES, 2004) e por isso ficou oficialmente de fora do programa americano. Entretanto, o governador Aluísio Alves viajou pessoalmente aos Estados Unidos e, mesmo tardiamente, conseguiu fazer com que os recursos dessa intenção de combate aos comunistas e de estabelecimento de uma “política da boa vizinhança” chegassem ao Rio Grande do Norte (PEREIRA, 1996 *apud* PIRES, 2004). Mas o governo brasileiro não aceitou com facilidade essa participação tardia do estado e, após vários processos de negociação, ficou acordado que a SUDENE serviria de intermediária desse processo que consistia em recebimento do dinheiro americano e repasse para o governo norte-rio-grandense (PEREIRA, 1996 *apud* PIRES, 2004).

O dinheiro que veio da Aliança para o Progresso e o do governo do estado, de cifra menor em relação ao primeiro, foram os financiadores da construção da Cidade da Esperança. É preciso, entretanto, nos determos em aspectos internos à sua criação. Assim, podemos procurar entender a própria denominação do conjunto, que é significativa e não foi escolhida aleatoriamente. O grupo político que levou Aluísio Alves ao poder, na campanha de 1960, chamava-se Cruzada da Esperança (SILVA, 2011) e fazia uso do termo *esperança* para

denominar tudo que estivesse envolvido na campanha. Dessa maneira, o caminhão que conduzia Aluizio Alves nos comícios era o caminhão da *esperança*. O trem no qual ele viajava era o trem da *esperança*. O voto para seu grupo político era o voto da *esperança*, e assim por diante (REVIVENDO, 2011). Após sua vitória, esse termo *esperança* não só continuou frequente, mas também se encarnou em prédios como o da governadoria, chamado de Palácio da Esperança. Esse termo, que se fez presente em vários discursos, ganhou fortemente a possibilidade de se materializar com a chegada do grupo aluizista ao poder institucionalizado e, dessa forma, se materializou no conjunto habitacional cuja criação analisamos. Obviamente, não queremos dizer que durante a própria disputa eleitoral essa materialização não estivesse ocorrendo – as grandes concentrações de eleitores e as longas caminhadas até outros municípios, por exemplo - mas com a força do Estado isso ganha novas proporções e, o que nos interessa especificamente, ela continua a fazer parte do urbano, embora com novos tons.

Na Tribuna do Norte, jornal que pertencia a Aluizio Alves, os convites para a inscrição no Plano Habitacional já existiam desde o começo de dezembro de 1964. Entretanto, n'A ORDEM a campanha surge apenas no final do referido mês. Dessa forma, uma campanha que já existia em um jornal é potencializada quando ela é estendida a outro periódico. Com o aparecimento da imagem apresentada acima nos dois jornais, temos o ápice da divulgação. Temos, assim, uma maior penetração da mensagem. Mas de que mensagem estamos falando e como esse desenho a constrói?

O que pretendemos analisar nesse artigo é justamente a montagem desse anúncio e seu processo de construção de sentidos. Pretendemos, devido a isso, analisar igualmente o porquê da presença de certos elementos. Para tanto, é preciso, em um primeiro momento, abordar a imagem iconograficamente (KOSSOY, 2011; PANOFSKY, 1991), procurando ler e interpretar a disposição dos elementos e sua racionalidade. Só assim poderemos entender a interioridade da mensagem. Apesar disso, não será tão simples, pois temos uma justaposição e interpenetração de texto e imagem. É impossível proceder a uma análise sem relacionar esses dois. Contudo, para fins didáticos, procederemos primeiro a uma análise que privilegie os estudos das imagens. Em seguida inverteremos a lógica e procederemos a uma análise que ponha em destaque o texto (BOURDIEU, 2008). Com esse procedimento esperamos por em destaque a racionalidade de cada um – texto e imagem - já destacando suas interpenetrações e relações. Texto e imagem somados, ligados e justapostos fundam uma mensagem passível de divulgação para um público alvo, posto que estamos falando de jornais e de uma política habitacional que visa certos leitores e possíveis beneficiários, respectivamente.

Os ícones que se relacionam e identificam

No anúncio, um dos primeiros elementos que nos chama atenção são as próprias pessoas representadas, devido ao seu tamanho. São grandes e se destacam em relação às outras imagens. Essas pessoas, entretanto, não estão ali dispostas separadamente. Há uma integração entre elas, sugerindo que compreendem uma família. O pai segura com seu braço direito o filho pequeno. Com o esquerdo segura a mulher. A garotinha, que não é abraçada pelo pai pelo fato dele possuir apenas dois braços, é segura por quem parece ser a mãe. Essa, por sua vez, olha afetuosamente para o menino. Assim, todos estão juntos. É uma relação harmônica. Estão também sorrindo. Aparentam serem felizes ou pelo menos estarem felizes devido ao recebimento de alguma notícia - é impossível esquecer que a imagem está junto de um texto que sugere o recebimento de casas.

Essas pessoas também são simples, o que é perceptível pelas suas roupas. O pai usa uma camisa de botão com um bolso no lado esquerdo e com a gola bem evidente. A mãe usa uma blusa ou vestido sem manga e de decote bem pequeno, sugerindo que é alguém respeitável (seu cabelo está preso). É difícil enxergar as vestimentas das crianças... Indo adiante na análise, é possível dizer que essa família harmoniosa é centrada na figura do pai. Se recordarmos os valores espaciais estudados por Yi-Fu Tuan (1983), lembraremos que para várias sociedades, e também para as ocidentais, aquilo que está no alto possui valor de superioridade em relação ao que está abaixo, levando-se em consideração a questão do corpo e a maneira como ele espacializa. Nesse caso, há uma relação entre alto e baixo entre o pai e a mãe. Ele é destacadamente maior em relação a ela e, tendo em vista que são os únicos adultos representados, isso significa que ele tem uma posição de destaque na família. É ele, inclusive, que envolve a família com seus braços, protegendo-a carinhosamente. Não seria absurdo dizer – falamos da década de 1960 no Rio Grande do Norte – que esse homem sustenta, financeiramente, a família apresentada. É possível, ainda, seguir com Tuan para fazer outra afirmação. Em termos de valores espaciais, é comum que o lado direito seja entendido como de valoração mais positivada que o esquerdo. O lado direito significa confiança e proximidade. Ora, onde está o garotinho, senão no lado direito? Logo, está sendo representada não apenas uma família centrada no pai, mas em que os homens ocupam lugar de destaque. Isso ocorre porque espera-se deles o cumprimento do papel de provedor.

As crianças, por seu turno, seguram brinquedos. A garota tem uma boneca que também é feliz – está sorrindo – e que é razoavelmente erguida, como que para destacá-la sutilmente. A menina a segura com as duas mãos, pois se trata de um objeto apenas e pelo qual ela aparenta ter afeto (a ergue enquanto sorri). O menino, por sua vez, possui mais

brinquedos que a menina. Ele possui dois. Cada mão está ocupada com um. Na direita há um carrinho. Na esquerda, uma bola.

Brinquedos, brinquedos... Precisamos ver a data da mensagem: 24 de dezembro de 1964¹. É véspera de natal. É convencional que nessa data as pessoas troquem presentes. Nessa mesma data as crianças recebem brinquedos, mas nada impede que os adultos também participem dessa tradição. Está sendo enfatizado, com a boneca, a bola e o carrinho das crianças, o valor do presente, da dádiva (BOURDIEU, 1996), pois é assim que está sendo apresentado o financiamento das casas e a construção da Cidade da Esperança. Essa apresentação nessa forma de dádiva está sendo feita pelo próprio circuito formado pelas imagens. Perceba-se que logo abaixo da chamada textual que está em caixa alta é representada a fachada de uma casa. O pai da família tem seu olhar direcionado a ela. Ele olha para o alto como quem olha para um sonho prestes a ser realizado, que é o que podemos concluir da relação com o texto em si. Isso porque esse último traz a ideia de um sonho, o da casa própria, a ser realizado pelo trabalhador. Mas a relação entre as imagens não estará completa se não levarmos em consideração a bolota que está entre a cabeça do homem e a casa. Ela aparenta ser um enfeite de árvore de natal e representa o próprio natal.

Temos, agora, o circuito das imagens que é extremamente significativo e comunicativo: a casa, preterida pelo homem que a olha e quer, será dada para a família no natal. O circuito é tão eficiente que pode ser invertido: no natal, a família irá receber uma casa. Os pontos de início e fim podem mudar, mas a mensagem continua praticamente a mesma. Mas para que o significado seja construído o circuito precisa ser percorrido pelo olhar.

Embora nossa análise não esteja tão somente privilegiando a análise das imagens, optamos por procurar analisar a maneira como elas estão dispostas e como possuem uma racionalidade própria – no caso, a formação do circuito. Entretanto, as imagens são fontes que só podem ser entendidas se colocadas em relação com outras – no nosso caso, um texto. Foi por isso que em alguns momentos reconhecemos a necessidade de cruzamento entre imagens e texto para compreender melhor o que estava sendo construído. Mas agora procuraremos inverter a lógica. Iremos privilegiar a análise do texto, procurando não só a racionalidade de sua montagem, mas também como isso pode ser relacionado em alguns momentos com as imagens. Antes de seguirmos, entretanto, é preciso destacar que não há hierarquização entre essas fontes e que não pretendemos proceder a uma história que use apenas as imagens ou que as entenda apenas como reforços do texto (MENESES, 2003). Eles, como já explicamos,



estão relacionados e a compreensão de um não pode ser completa sem a análise e inter-relação com o outro.

Os significados que o discurso cria

Se você ainda mora em casa alugada, está convidado a passar o Natal do próximo ano em sua casa própria. É natural que você pergunte como e onde: e nós lhe respondemos; em 1965, já estarão prontas centenas e centenas de casas populares que a FUNDAÇÃO DE HABITAÇÃO POPULAR está construindo sob a supervisão de Agnelo Alves, dentro do grandioso plano de casas populares do Governo Aluísio Alves, na Cidade da Esperança! Por sua casa própria, você pagará apenas 20% do salário mínimo vigente na capital, e assim mesmo somente depois de receber as chaves. Reúna sua família e comunique esta auspiciosa notícia! Inscreva-se hoje mesmo na FUNDAÇÃO DE HABITAÇÃO POPULAR (A ORDEM, 1964, p.5; TRIBUNA DO NORTE, 1964, p. 3).

Precisamos analisar o texto em si e suas relações com as imagens. Ele sugere que quem constrói as casas é o governo “Aluísio” Alves. Agnelo Alves – irmão de Aluísio - é um agente público a serviço do governo e coordena o órgão construtor: a Fundação de Habitação Popular. Temos aqui os sujeitos do empreendimento em si. Mas a mensagem é endereçada. É dedicada apenas a quem atende a certos pressupostos e que é capaz de lê-la, decodificando-a. Em outras palavras, há um público alvo definido. É preciso morar em casa alugada para ter esse direito a inscrever-se. É preciso ter uma família e poder pagar 20% do salário. Contudo, para pagar esse valor, é preciso que haja um salário que seja oriundo de um trabalho fixo com carteira assinada, pois a mensagem demonstra a necessidade de possuir certa oficialidade nessas relações de trabalho na medida em que estabelece 20% de um valor que se espera seja constante. Isso significa que pessoas que extraíam sua renda de trabalhadores informais estavam de fora na medida em que não tinham uma renda fixa ou formas de provar certa constância em seus ganhos financeiros.

Vemos que no texto há uma sobreposição em relação ao que as imagens também procuram comunicar: é preciso a existência de uma família. Mas o que o texto traz apenas como algo aparentemente objetivo e natural, já foi identificado pela imagem. Assim, a “família” do texto é a família representada anteriormente e diríamos primeiramente, visto que em um primeiro olhar ao jornal é a família representada que chama bastante atenção devido ao tamanho do desenho, o qual ocupa grande parte de uma página de jornal. Assim, chegamos ao fato de que, além do pressuposto de que apenas pessoas com família poderiam possuir uma casa desse programa de habitação, também temos que essa família é identificável. Existe uma

família-modelo que provavelmente iria servir de instrumento de classificação e que estava ali representada pelo desenho. Ela consistia em pai, mãe e filhos.

Por outro lado, podemos destacar alguns aspectos da mensagem que a tornam de fácil leitura. Além de possuir um circuito imagético que pode ser lido em direções diferentes, temos que o texto, dado o tamanho da página do jornal, é pequeno. Além disso, ele possui a característica de destacar determinados aspectos por meio de diferentes estratégias (BOURDIEU, 2008). A FUNDHAP, por exemplo, aparece como “FUNDAÇÃO DE HABITAÇÃO POPULAR”, com todas as letras maiúsculas mesmo que seu nome esteja por extenso e não sob a forma de sigla. O nome dessa instituição também aparece em negrito abaixo do texto completo. Também em negrito há uma menção às “casas” em “Natal”. Se tomarmos esses elementos destacados de forma independente, teremos a formação de um texto coerente e significativo: a “FUNDAÇÃO DE HABITAÇÃO POPULAR” “constrói em Natal casas”. Para quem? O desenho da família responde. Mas esse empreendimento não está isento de um sujeito promotor da ação. Além do nome de “Aluísio” na chamada do anúncio, há a própria marca de seu governo, à qual seu nome está sobreposto: a mãozinha dando um legal com as letras “AA” (Aluísio Alves) no canto direito da página dizem sobre o autor da obra.

No anúncio exibido, o próprio Aluísio transformou-se em “Aluísio”. Isso se repete ao longo de todos os anúncios de cadastramento na FUNDHAP que são lançados na Tribuna do Norte ao longo do mês de dezembro de 1964 (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p.2; TRIBUNA DO NORTE, 1964, p. 3; TRIBUNA DO NORTE, 1964, p. 7). Dessa forma, independentemente de ter sido ou não um erro, temos um Aluísio específico dentro desse governo que é o “Aluísio” provedor de moradias.

O amor como máquina de guerra

Esse “Aluísio”, apesar de seu lado específico que estava vinculado à construção de casas, não estava isento da história do Aluísio e das práticas exercidas durante seu governo. A disposição de alguns desses elementos no interior do anúncio tem suas razões de ser. O que pretendemos nessa parte do estudo é entender o porquê da disposição de alguns desses itens, analisar a razão da data de circulação desse anúncio e relacionar isso com a escolha de um segundo jornal para veiculá-lo. Esse jornal é A ORDEM.

Aluísio era apresentado pelo jornal Tribuna do Norte, fundado por ele próprio e de propriedade sua e de sua família no período de seu governo, como um bom homem que na época do natal dava presentes. Podemos verificar isso através de uma série de práticas.

Entretanto, escolhemos apenas uma para analisar devido ao curto espaço de que dispomos. Ela consiste na Vigília da Fraternidade.

Primeiramente, é preciso analisar o que foi a Vigília da Fraternidade e o que estava envolvido nela. Ela consistia em um enorme itinerário a ser percorrido por Aluízio Alves e por seus acompanhantes. Nele, seriam visitadas várias instituições, como abrigo de idosos, orfanatos, maternidade, casas de repouso, hospitais (inclusive infantis e de câncer), centro espírita, instituto de cegos e até sindicato (o da Companhia Força e Luz) – todos em Natal. A ideia apresentada pelo periódico era que Aluízio iria dar seu presente de natal a pessoas que estavam, por algum motivo, em instituições de assistência ou caridade (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p. 8).

Mas esse processo não acontecia de qualquer maneira. Havia toda uma mobilização midiática. A Tribuna do Norte anunciou no dia 23 (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p. 8) que o percurso seria percorrido no dia seguinte e convidava a população a participar. Dessa forma, as pessoas poderiam ir de “ônibus, jeeps, caminhões, carroças, a pé” (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p. 8), não importava, desde que comparecessem. O intuito era demonstrar solidariedade com aqueles que, por algum motivo, “não podem (...) passar o Natal no aconchego do lar” (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p. 8). Para prestar essa solidariedade, bastava que o indivíduo que comparecesse por “uma hora, meia hora, dez minutos, o dia todo” (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p. 8). Essa última opção, inclusive, não seria fácil. O plano era que a Vigília fosse iniciada às 7h da manhã e só terminasse à meia noite!

Insistindo na questão midiática, no dia 24 de dezembro de 1964 (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p. 8) a Tribuna do Norte convocou novamente a população. Desta vez a convocação veio através de um discurso assinado pelo próprio Aluízio Alves. Como o jornal era distribuído bem cedo, foi possível ele fazer uma convocação no próprio dia da Vigília, antes mesmo dela acontecer – no caso, às 7h. Nas suas palavras surgem duas categorias que explicariam o porquê desse verdadeiro ritual (HOBSBAWN; RANGER, 2002)². Ele diz que estaria esperando “(...) você, comerciante, comerciário, industrial, dona de casa, estudante, operário, criança” às 7h da manhã em frente ao Palácio da Esperança para que essas pessoas, que eram as integrantes de uma *cidade feliz*, levassem “uma palavra de esperança” aos da *cidade triste*. Os integrantes desse último espaço, ao contrário dos primeiros, não são mostrados com suas profissões ou afazeres, mas como seres passivos e meramente sofredores. Eles são os “doentes, abandonados, desocupados, os desalentados”. Interessante notar a ideia de sopro revigorante que a solidariedade dos membros da cidade feliz poderia dar à cidade triste. A solidariedade surge como um poder regenerador e Aluízio Alves, juntamente com os

que optassem segui-lo, integrava essa força mágica. Contudo, embora o integrasse, ele era um líder, aquele que convocou e escreveu o roteiro das visitas. Ele, de certa forma, dava o norte.

A Vigília da Fraternidade ocorreu, de fato, no dia 24 de dezembro de 1964. Apesar disso, a Tribuna do Norte, que já a havia mencionado duas vezes (23 e 24 de dezembro) mostrou-se descontente em simplesmente esquecer sua realização. Dessa forma, ela representa (re-apresenta um tempo pretérito) (SAID, 2007) todo o ritual da entrada da cidade feliz na cidade triste no dia 25 de dezembro (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p.4) . O periódico busca decodificar o que havia ocorrido para assim representar o acontecimento para seu público – que estava em todo o Rio Grande do Norte. Com isso, a Tribuna do Norte tenta investir seus leitores com os significados do ritual-espetáculo. Dessa vez os poderes mágicos de Aluízio são comprovados. Com suas palavras de “carinho” e “solidariedade cristã” houve “grandes emoções, incontidas nas lágrimas e nas palavras de agradecimento de seus dirigentes e assistidos”. Houve também uma fila imensa de automóveis, caminhões, caminhantes, jeeps, ônibus e outros veículos para acompanhar “AA”. Um verdadeiro espetáculo público feito, dentre outras coisas, para ser visto. Há, da mesma forma, a comprovação da adesão popular.

A Vigília da Fraternidade é representada, ainda, como uma “tradição cristã” (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p.4) realizada desde o primeiro ano do mandato desse governador. Essa tradição é apresentada como visivelmente inventada, pois só foi iniciada com Aluízio. Apesar disso, ela não está isenta de capitalização simbólica (BOURDIEU, 1996). Ela seria o momento em que o povo iria, junto com o governador, se confraternizar com os “segregados do convívio da família” (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p.4), que estavam tristes não apenas por estarem doentes ou por terem perdido um parente, mas principalmente por estarem apartados de suas famílias. A perda dela também é a perda da felicidade e a transformação em ser passivo.

O ritual seria também o momento de mostrar o apoio a Aluízio, pois a presença do povo significava, dentre outras coisas, apoio político. Ora, não à toa o governador agradece “pelo apoio que vem recebendo do Povo de Natal” (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p.4). Além disso, esse ritual consiste também em uma cerimônia de reatualização desse respaldo existente desde o início do governo, afinal, a Vigília era realizada desde o primeiro ano da administração. Esse ritual de entrada da cidade feliz na cidade triste – apresentado como tradição – consistia também no momento de trazer um passado para o presente, renovando laços entre população e Aluízio Alves durante uma data cristã.

Por fim, queríamos destacar os elementos cristãos existentes nesse processo. Um cristianismo, por sinal, operado no interior do campo político. Dentro de todo o arcabouço de

sentidos analisados acima e ainda na mesma coluna do jornal– a Tribuna Política - desse 25 de dezembro, surge uma outra fala. Dessa vez ela diz respeito a certa “trégua política” (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p.4) que aparece durante os festejos natalinos. Isso seria um acordo tácito entre os adversários que deveria ser respeitado por ser a data de nascimento de Cristo, que pregou a paz. Entretanto, havia pessoas que insistiam em quebrar essa aura maravilhosa, bondosa e harmônica do natal através da calúnia, da difamação e da injúria. Esses seriam estigmatizados por serem movidos não pelo carinho e amor que guiaram a Vigília da Fraternidade (representada pelo jornal logo acima do que isso é dito – na mesma coluna também), mas pelo “despeito” e pela “inveja”. Eles inclusive seriam o oposto do que fora praticado por Aluízio e seus acompanhantes. Eles constituiriam a “linha do ódio”. Apesar disso, na terra em que reina o bom espírito cristão, o bem vence o mal e, no caso, o jornal deseja até mesmo, para os desestabilizadores invejosos, um feliz natal e um feliz ano novo com “Deus renascido no coração”. A intensão dessas boas pessoas era salvar a “linha do ódio” da “maldição” com seu amor político-cristão imenso.

Outro aspecto de cristianismo operado dentro dos rituais diz respeito ao próprio nome da Vigília. Ela era da Fraternidade tal qual a Igreja Católica realizava as Campanhas da Fraternidade. Além disso, é preciso fornecer um dado ainda não entregue até aqui. A Vigília era encerrada à meia-noite com uma Missa do Galo realizada no Instituto Padre João Maria, na Avenida Alexandrino de Alencar. Então temos que o itinerário é iniciado às 7h na frente de uma instituição pública – o prédio da governadoria – e é encerrado com um Missa do Galo – reconhecidamente católica. Diante de todos os discursos com elementos cristãos, o próprio uso do termo “cristão” nessas falas e a criação de dicotomias amor e ódio, somo induzidos a pensar que a Missa era de fato uma grande consagração final de todo o processo, de todo o esforço.

Percebemos, basicamente, duas operações ocorrendo no que foi supracitado. A primeira seria a de capitalização simbólica obtida com o jogo de nomes entre Campanha da Fraternidade que se transforma em Vigília da Fraternidade. Da mesma forma, com o ritual da entrada da cidade feliz na cidade triste e com a representação (re-apresentação) do jornal Tribuna do Norte da Vigília da Fraternidade como algo extremamente eficiente devido à presença das lágrimas dos sofrendores diante da presença de Aluízio e da grande quantidade de pessoas e carros que o seguiram, temos que o amor funcionou. O amor motivou a ação e foi eficiente por ter sido ele o que atraiu a presença dos apoiadores. A população se reuniu para celebrar esse sentimento e, com sua presença, apoiou Aluízio – pelo menos é essa representação que o periódico cria e é nesse tom que aparece o discurso do governador. Dessa

forma, temos que esse sentimento celebrou sua eficiência devido a um ritual bem organizado, eficaz e apoiado pela massa. É esse elemento cristão, o amor capitalizado, que é agenciado (DELEUZE; GUATARI, 1997) para lutar contra a oposição ao grupo aluizista. Em contraposição ao amor, existia justamente a “linha do ódio”, caracterizando assim a segunda operação. O amor se tornava, paradoxalmente, uma máquina de guerra no campo político.

A dádiva do Aluízio que virou “Aluísio”

Agora que conhecemos e reconhecemos certos elementos, podemos retornar ao anúncio com um olhar que busque dar conta de alguns ítems que escapam a uma análise que privilegie apenas a interioridade da mensagem. Estamos tomando de maneira mais clara a ideia de iconologia (KOSSOY, 2001; PANOFSKY, 1991). Com isso pretendemos fazer um retorno metodológico ao anúncio.

Temos o fato de que o governo sob análise possuía práticas repletas de elementos cristãos. Dentro desse arcabouço existia a prática do presente, da dádiva (BOURDIEU, 1996). No caso do itinerário filantrópico, o presente poderia ser doações que as pessoas que aderissem ao percurso poderiam fazer, que poderia consistir em brinquedos ou roupas, até sorrisos, a própria presença ou uma palavra amiga, como diz o próprio Aluízio Alves em sua fala (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p. 8). A Tribuna do Norte, assim, coloca a questão de que o governador também iria, na véspera de natal, dar à *cidade triste* o seu presente, que parecia ser o seu abraço, sua presença e suas palavras.

Se as práticas com elementos cristãos de Aluízio Alves é que ofereciam presentes³, isso significa que assim foi construído um tipo de olhar decodificador. Devido a uma prática anterior à Cidade da Esperança e que era transformada em espetáculo para ser visto, houve a formação de uma compreensão por Aluízio e pela população de que aquilo que está atrelado ao cristianismo e que é oferecido pelo governador durante o natal é uma dádiva. Fora desse círculo, a ideia inexistia ou era ineficiente. É por isso que o 25 de dezembro e o jornal A ORDEM foram escolhidos para veicular o anúncio da maneira como ele é montado. Esse periódico, inclusive, é católico! Um lançamento nele durante o natal, tendo em vista as práticas contendo elementos cristãos que eram fomentadas durante o governo Aluízio, parece ser uma forma de conseguir uma maior penetração da mensagem diante de um público predominantemente cristão. Afirmamos isso porque A ORDEM era vendida principalmente nas paróquias do Rio Grande do Norte ou em colégios católicos (ARQUIOCESSE DE NATAL, 1966). Esse público, conforme vimos, está bastante apto a decodificar o que é presente do que não é.



A Cidade da Esperança, no anúncio do início do artigo, não é colocada de forma diferente. Ela é apresentada como uma dádiva temperada de cristianismo devido ao 25 de dezembro e da maneira como são dispostos os elementos textuais e imagéticos que formam a mensagem a ser divulgada. A escolha do suporte e da data também são explicáveis na medida em que se buscava potencializar uma economia simbólica pré-existente, oriunda de outros anos e que já era bem conhecida. Esses rituais, com itinerário pré-definido, conseguiam levar às ruas uma grande quantidade de pessoas e de automóveis, formando um espetáculo e educando o olhar para compreender a formação de certos significados de acordo com a disposição e relação de certos elementos.

Pensando primeiramente em termos de imagem, é possível perceber que um indício da ideia de dádiva está presente no símbolo do natal (a bolota), já analisado. Esse é um elemento que integra a construção de certos significados. Já os brinquedos que as crianças seguram indicam os próprios presentes. O pai, por sua vez, olha para a casa. Se juntarmos isso com partes do texto, poderemos chegar a conclusões reveladoras. Temos que as pessoas são convidadas a deixarem uma “casa alugada” para irem morar em uma “casa própria”. Isso indica um pertencimento. Algo que passará a ser dessa pessoa. Essa casa, embora não fosse entregue gratuitamente, era financiada e por “apenas 20% do salário vigente na capital”. Esse bem, que passaria a pertencer a alguém, era apresentado como de pagamento fácil. Os 20% do salário são apresentados de forma eufemizada (BOURDIEU, 1996) – “apenas”. Por outro lado, reforçando a ideia da dádiva, há a menção a uma espécie de confiança estabelecida de quem doava para quem recebia, pois o pagamento só começaria a ser efetuado por aquele pai “depois de receber as chaves”.

A compreensão completa envolvendo qual bem é doado e para quem só é possível com a ação do olhar que percorre o circuito da casa, família, natal. A casa é a dádiva ofertada para a família durante o natal. E quem a doaria? Nesse caso, o símbolo do governo, o legal com “AA”, simboliza quem está “doando”, completando assim todos os elementos necessários e devidamente arranjados para se decodificar o que é dádiva e o que não é. Estamos falando de um olhar devidamente construído, como na Vigília da Fraternidade. O olhar já está educado para percorrer o circuito e entender seus sentidos. Além disso, o texto também nos dá a noção de dádiva em “O governador Aluísio Alves constrói em Natal casas para o natal”, harmonizando-se com a mesma ideia do circuito imagético devido à presença de três elementos (casa – o presente, natal – a data em que se dá o presente, Aluísio – aquele que dá o presente). Ainda no caso do texto, a família também aparece, embora não no título.

Como nos lembra Sara Raquel de Medeiros (2007), a casa é um dos mais caros e importantes bens que uma família adquire em toda a sua vida. Não raro uma família passa sua vida inteira pagando por essa propriedade que consome boa parte de suas economias. É verdade que depois de adquirida ela liberta o dinheiro da família para a aquisição de novos bens, mas geralmente isso acontece apenas com a geração seguinte, com os filhos. Geralmente, depois que eles se tornam adultos, a casa já está quitada e servirá de herança, o que por sua vez pode dividir o bem devido à disputa de sua posse. Mas o importante disso é destacar que no que diz respeito à Cidade da Esperança, estamos falando ainda da aquisição da casa, ou seja, da aquisição do bem mais caro na vida de uma família de poucas posses, como as que iriam para lá. Nesse sentido, dentro de uma economia das trocas simbólicas, a dádiva de um Aluizio específico, o “Aluísio”, é um presente de grandioso valor. Estamos falando, assim, de uma alquimia (BOURDIEU, 1996). O governador transformou um bem material, a casa, em um bem simbólico na medida em que ele o apresenta aos também iniciados nessa alquimia como uma dádiva e que confiará a posse representada pela chave anteriormente ao pagamento. Este último, por sua vez, aparece eufemizado, como se não fosse um fardo, mas uma libertação do aluguel.

Bibliografia

A ORDEM. Natal: Arquidiocese de Natal, 1964. Semanal.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

DELEUZE, Gilles & GUATARI, Félix. 1227 – Tratado de nomadologia: A Máquina de Guerra. In: _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 11-110.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.) **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê, 2001.

MEDEIROS, Sara R. F. Q. **A casa própria: sonho ou realidade?** Um olhar sobre os conjuntos habitacionais em Natal. Natal: UFRN, 2007. 113 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

MENESES, Ulpiano. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol.23, n.45, Julho, 2003.

- PANOFSKY, Erwin. **Os significados nas artes visuais**. São Paulo: Perspectivas, 1991.
- PIRES, Patrícia Padilha. **A esperança da Esperança: o Grupo Escolar Professor Raimundo Soares e a constituição do bairro Cidade da Esperança (1966 – 1970)**. Natal: UFRN, 2004. 67 p. Monografia (especialização) – História do Campo e da cidade, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.
- REVIVENDO Aluízio Alves. Natal: Memorial Aluízio Alves, 2011.
- SAID, Edward. **O Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SILVA, Wesley Garcia Ribeiro. **Cartografia dos Tempos Urbanos: representações, cultura e poder na cidade do Natal (década de 1960)**. Natal: EDUFRN, 2011.
- TRIBUNA DO NORTE. Natal, 1964. Diário.
- TUAN, Yi-Fu. Corpo, relações pessoais e valores espaciais. In: ____ **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

Notas

¹ Essa é a data do anúncio na Tribuna do Norte, que é um jornal diário. Como A ORDEM é um jornal semanal, a data em que o anúncio aparece é 26 de dezembro, pois é nesse dia que se completam os 7 dias do lançamento do último número do periódico, ou seja, 19 de dezembro.

² Ver especialmente o artigo do professor David Cannadine.

³ Fique claro que não foi apenas a Vigília da Fraternidade em que havia a entrega de presentes por parte do governador na época do natal. Havia outras ações nesse sentido. Uma delas era a entrega de presentes para as crianças que também aconteceu durante vários anos daquele governo. Em dezembro de 1964, especificamente, foram entregues roupas e, nesse processo, os pequenos ganhavam também uma merenda (TRIBUNA DO NORTE, 1964, p.5).